A avaliação histórica de Pedro II, como homem e como político, é tão contraditória quanto a avaliação da ideologia do Segundo Reinado. Na tentativa de traçar um perfil do Imperador, além da consulta aos jornais e outras publicações de época, e aos trabalhos citados no texto, foram ouvidos pessoalmente alguns dos mais significativos estudiosos daquele período histórico, em diferentes linhas de análise e conclusão: Pedro Calmon, Raimundo Magalhães Jr., Raimundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda. D Pedro Gastão, bisneto de Pedro II, faz o "retrato de família".



NORMA COUP

Bem como vos saúda o mundo [inteiro, O mundo que conhece as vossas [glórias... Brasileiros, erguei-vos, e de um [brado O monarca saudai, saudai com [hinos! Do mês de dezembro o dois [faustoso, trouxe mil O dia que nos [venturas! Rebomba ao nascer d'alva a [artilharia E parece dizer em som festivo

Império do Brasil, cantai, [cantai! Festival harmonia reine em [todos; As glórias do monarca, as sãs [virtudes Zelemos,, descantando-as sem [cessar, A excelsa imperatriz, a mãe dos pobres Não olvidemos também de [festejar Neste dia imortal que é para ela O dia venturoso em que nascera Sempre grande e imortal [Pedro II."

(Um logro no Jornal do Commercio, que publicou os versos em 2/12/1968. Camuflado na louvação, o acróstico — O bobo do rei

Um monarquista

faz annos.)

Impressionar, ele impressionava, pois consta que um dia foi moço, bonitão, alto e de olhos muito azuis, contrariando todos os livros de História em que os brasileiros só o reconhecem velho, de barbas brancas. Mas quem chegasse mais perto saberia que as barbas eram um disfarce (Sua Majestade era prognata), que a aparência fidalga se perdia um pouco quando o Imperador trajava seu manto Papo de Tucano (vinha de meias apertadas realcando as pernas finas demais para o corpo), que a coroa era grande, que a casaca de seda era pouco tratada, que a voz era fina e aflautada para quem veio a o mundo para mandar, que o cacoete "já sei, já sei", ao final de cada frase, era motivo de chacota na Rua do Ouvidor, nos cafés e nos teatros, assim como sua poesia, e que a discrição de Sua Majestade não significava fidelidade à esposa Thereza Christina, já que foi amante da Condessa de Barral e Pedra Branca (alguns a chamavam de Pedra Parda, fazendo alusão à sua origem; na correspondôncia de dois, guardada na Biblioteca Nacional, Coleção Tobias Monteiro, há cenas tão intimas como guerras de travesseiros) e de Eponina Morais Barreto de Almeida Rosa, mulher do Senador Francisco de Otaviano de Almeida Rosa, que, por isso mesmo, teria escrito o famoso soneto quem passou pela vida e não sofreu/ foi espectro de homem não sofreu/ foi espectro de homem não foi homem/ só passou pela vida e não viveu. Suspeita-se também de que D Pedro teria mandado o Senador negociar o Tratado da Tríplice Aliança no Prata para que Dona Eponina tivesse férias conjugais e maior liberdade de ação.

Mito tão forte como Getúlio (segundo o historiador Raimundo Faoro) e acalentado através dos anos, a figura de D Pedro II é das

"Oh! excelso monarca, eu vos | mais controvertidas. D Pedro João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Gonzaga de Alcantara Orleans e Bragança, ou simplesmente Pedro II era também conhecido como Pedro Banana, tirano bonachão, Calígula jogral, César caricato, vulção resfriado. Em dezembro de 1975, 150 anos depois do seu nascimento, ainda há historiadores que não escondem sua nostalgia monárquica. Outros apontam o Imperador como um liberal, contrariando os que insistem em desmitificá-lo — no Segundo Reinado "todos os movimentos foram esmagados a ferro e fogo".

> Algumas vezes ele foi chamado de ditador; outras de Pedro Banana. Mas as duas acusações são injustas. Pedro governou com firmeza, algumas vezes arbitrariamente, sempre convencido de que seu povo jamais aprenderia a governar-se a si próprio se não lhe fosse permitido cometer seus próprios erros... Durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando houve a necessidade de um árbitro entre o Norte e o Sul, Abraham Lincoln declarou que Pedro II era o único monarca a quem ele confiaria tal função.

A History Of Latin America, de Hubert Herring

Não tem a menor elegancia em qualquer ato; nem quando anda nem quando fala, nem sentado no trono nos dias de gala. Os seus olhos são pequenos e inertes, indício de falsidade. Os lábios grossos como os da avó, a Rainha Carlota Joaquina; testa saliente e curta; segundo Robin isso revela inteligência acanhada. No conjunto, visto de perfil, dá perfeita idéia da castanha de caju, a fruta essencialmente brasileira"

um diplomata (Gustavo do Rego Macedo)

Gazeta da Tarde, Rio, terça-feira, 16 de fevereiro de 1886 (do livro A Maior Mitificação da Imprensa Brasileira e A Crônica Escandalosa do Segundo Reinado nas Falsas Cartas de um Diplomata, de Raimundo Magalhães Jr.)

O Imperador do Brasil gostava de entrudo com limõezinho de cheiro. Não permitia certas intimidades: tratava a todos de "senhor" até ser destronado, quando então adota o "você". Dizia que "receava um temperamento romantico", e escrevia poemas (que segundo o seu bisneto D Pedro Gastão e todas as outras pessoas que os leram), eram muito ruins. Sentava-se numa cadeira de três pés equilibrando-se e pendendo de um lado para o outro ao conversar com os Ministros. Adotou a tradição dos bordados de ouro, mas o bisneto, D Pedro Gastão, garante que pouco a pouco ele foi retirando a pompa dos trajes. "Até os botões dourados ficavam embaixo da lapela e, de sobrecasaca preta, ele mais parecia um professor do que um monarca, tamanha a modéstia". Era um hebraista ferrenho, traduzindo e adaptando poesias hebraicas.

Tinha a mania de corresponder-se com as pessoas mais importantes da época, como por exemplo o Conde Gobineau (segundo Sér-

gio Buarque de Holanda, "aquele que inventou a desigualdade das raças, Ministro de França no Brasil, deslumbrado com o tipo pequeno e moreno, louro do nosso Imperador"), Alessandro Manzoni (autor de Os Noivos), Whittier, Longfellow. Victor Hugo escreveu em Choses Vues, no dia 26 de julho de 1846, que "o Imperador reinante no Brasil é um jovem de 22 anos, delicado, simples, tranquilo. Fala bem o francês e o alemão. Tem muito interesse pela astronomia que lhe foi ensinada por um professor fran-

Entre Pedro I e Pedro II há tantas diferenças que Sérgio Buarque de Holanda diz "o filho era o pai." D Pedro II não teve infancia, e numa carta a sua mulher o Duque de Caxias diz que o Imperador estava vivendo essa infancia depois de velho, precisando ser contido pelos genros.

- Pedro I era impetuoso, autoritário, agressivo, franco, mais Bourbon do que Bragança, mais à Carlota Joaquina do que ao pai bonachão D João VI — diz Raimundo Magalhães Jr.

Sérgio Buarque de Holanda cita o historiador português Oliveira Martins: "O último Hei Bragança foi D João VI; os filhos eram todos Bourbon".

Homem de muitas mulheres que amava abertamente, nunca escondendo suas inclinações donjuanescas, D Pedro I foi exatamente o oposto do filho, cujas dissimulações amorosas eram tão bem feitas que o bisneto D Pedro Gastão, neto da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, chega a afirmar veemente: "D Pedro II tinha um enorme respeito pela mulher. E depois, se ele tivesse uma amante — a Condessa de Barral como dizem — todos saberiam, pois não havia telefone e, para sair, ele usaria cavalo ou carruagem, bem às vistas".

— Sendo um Bragança era também um Habsburgo — diz Raimundo Magalhães Jr. — Um pouco germanico, (sua mãe Leopoldina é irmã de Maria Luísa, mulher de Napoleão), mais frio do que o pai, um vulcão resfriado, um sonso, dissimulado, hipócrita. Também teve numerosas mulheres, mas os esqueletos dos seus amores ficaram trancados no armário da História e só agora estão aparecendo. O pai, por exemplo, teve coragem de abdicar; ele não, foi deposto por uma revolução e assim mesmo não gostou. O pai foi um ditador.

E o filho?

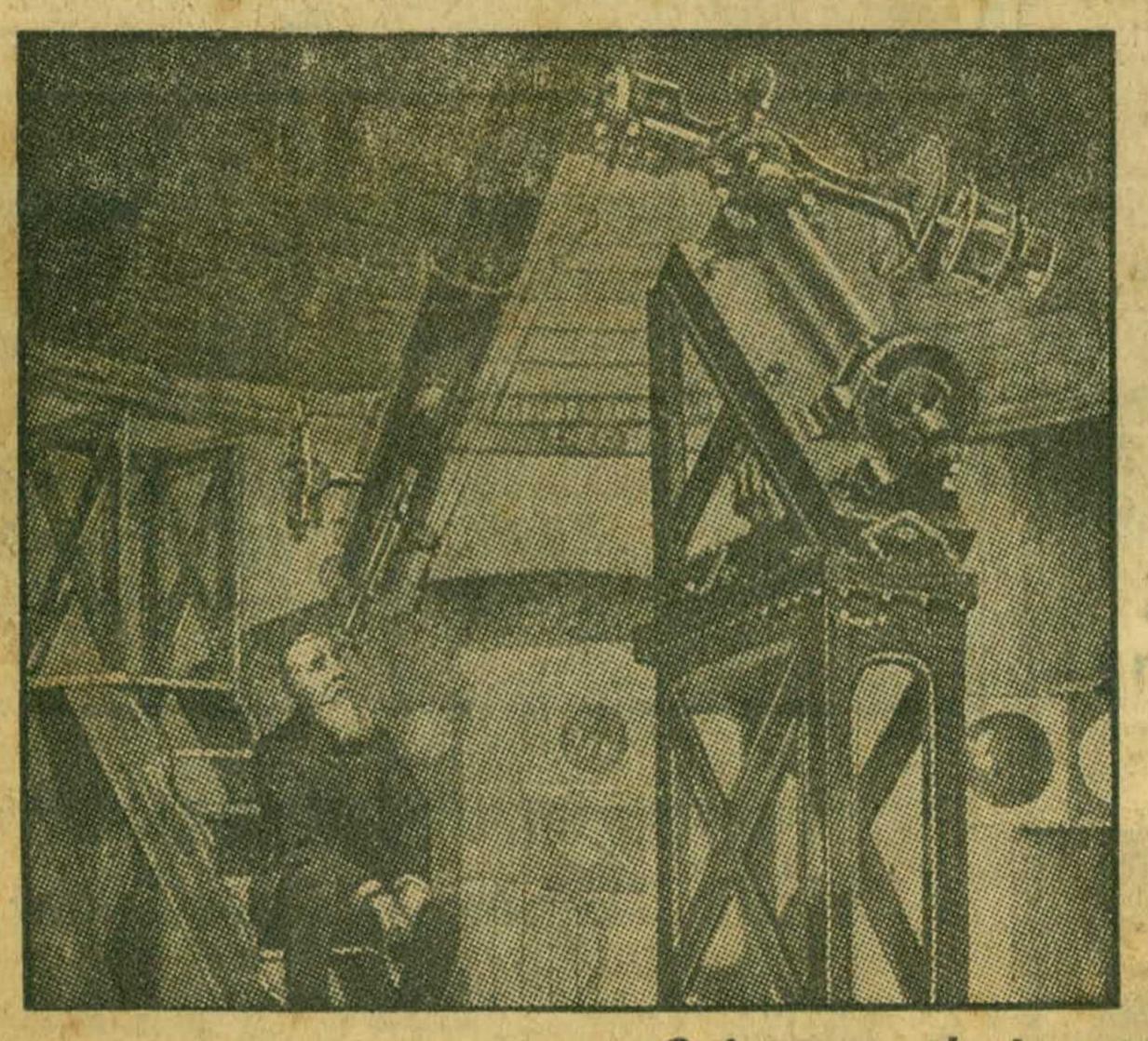
Queria ver suprimidos os abusos do sistema elcitoral. Mas recuava ante a necessidade de uma decisão drástica. Empenhava-se pela extinção do trabalho escravo mas achava que toda prudência era pouca nessa matéria. Gostaria que o Brasil tivesse em boa ordem as finanças e a moeda bem sólida, ainda que esse desejo pudesse perturbar a promoção do progresso material, da imigração, que também desejava. Ora, a meticulosa prudência deixa de ser virtude no momento em que passa a ser estorvo: lastro demais para pouca vela.

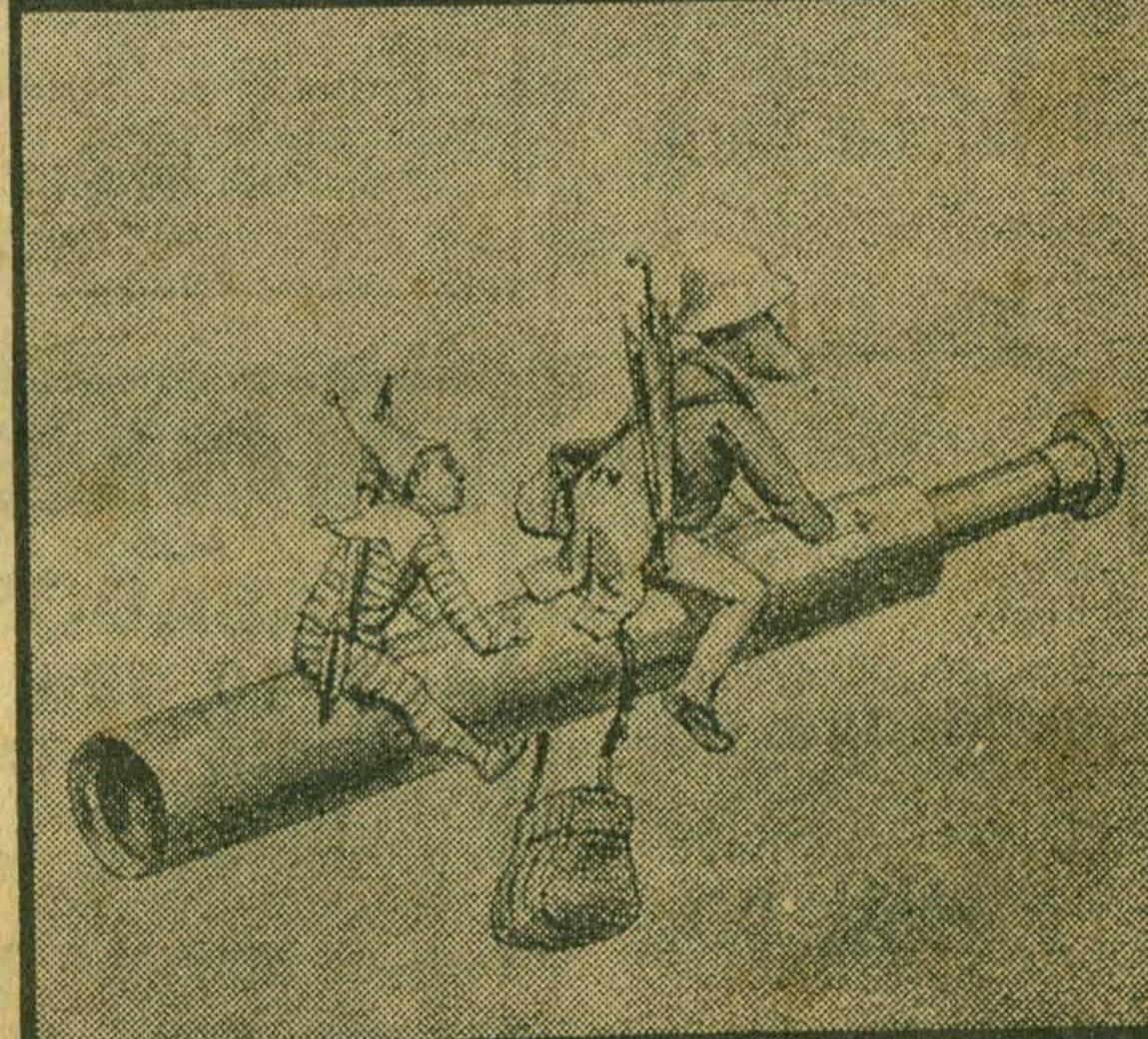
O Brasil Monárquico (DIFEL), direção de Sérgio Buarque de Holanda.



O Imperador visita o Chateau Barral, em 1890, e o fato é fotograficamente registrado. Mas quando L'Illustration de Paris publica a foto em 1891, o retocador elimina a figura inconveniente da Condessa de Barral. As fotos estão no livro Exílio e Morte do Imperador, de Ligia Besuchet, recém-editado pela Nova Fronteira







O interesse do Imperador pela astronomia, segundo a visão oficial e a da oposição

- O Brasil do Segundo Reinado sofreu consequências de ter tido no trono um Imperador tímido como D Pedro II. Mas era também conhecido pelo apoio que dava à cultura (a época do seu reinado chegou a ser conhceida como vitoriana), presidindo pessoalmente o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro durante 50 anos. Amava as minúncias (no Museu Imperial de Petrópolis encontramse atas de reuniões ministeriais, com notas escritas por ele à margem de cada tópico).

E era conhecido especialmente pela sua tolerancia às críticas. Diz Sérgio Buarque de Holanda que ele sempre tomava as críticas como oposição do povo aos ministros, nunca a ele pessoalmente, às cartas anônimas ("é um erro não lê-las") às caricaturas que, como as de Agostini Angelo Agostini na Revista Ilustrada, o retratavam gordo, magro, jeito de caju, ridicularizando-o - à im-

- Ele era um liberal em relação à imprensa — diz Sérgio Buarque de Holanda. — Lia todos os recortes de jornal com críticas a seu respeito.

— Ele deixava jornais como A República publicar as coisas mais tremendas — diz Raimundo Magalhães Jr. — Teve, é claro, o caso do jornalista Apulco de Castro (do Corsário) assassinado por oficiais, mas esses episódios de violência se diluem durante o seu reinado — de 1840 a 1889.

- Era de uma tolerancia completa, muito dentro do espírito da democracia romantica do Segundo Reinado — diz Pedro Calmon. — A imprensa era livre para atacá-lo, e ele sofreu com o famoso caso do Corsário, o assassinato de Apulco de Castro por oficiais de Cavalaria. Foi o Principe mais culto de seu tempo.

- Ele escreveu para a Princesa Isabel, minha avó, conta D Pedro Gastão, bisneto de D Pedro: "Minha filha, sou completamente a favor da maior liberdade de imprensa possível. Se muitas vezes fui atacado nunca tomei isso como um insulto pessoal, mas como um desabafo político". No Brasil de aua época existia uma liberdade, se não exagerada e insolente, até vergonhosa. Na coleção de jornais publicados no Rio em plena Guerra do Paraguai, existem textos escritos em francês atacando fortemente o Imperador, a família imperial, o Conde d'Eu, e ainda se fazia a propaganda de Solano Lopez. Será que durante a guerra a Inglaterra permitia elogios a Hitler? Também Quintino Bocaiuva e Benjamim Constant nunca deixaram de ser professores em escolas públicas e eram declaradamente republicanos.

("Os abusos da imprensa são curados pela própria imprensa", disse D Pedro II quando as oficinas de A República foram ataca-

- O país era descapitalizado, de população rarefeita, de produção exportável muito escassa, com alguns homens mais ousados, como o Barão (depois Visconde) de Mauá, lutando tremendamente para dar maior impulso ao progresso e à industrialização - diz Raimundo Magalhães Jr. - Pode-se dizer que houve falta de amparo a esse Brasil, que começou com capitais ingleses e acabou pedindo falência. Surgiram estradas de ferro, companhias de gás, de esgoto, transportes urbanos puxados a burro, estaleiros navais, engenho central. usinas de açúcar, mas tudo feito mediante a garantia de juros (ouro) sobre o capital investido. Criava-se então uma indústria aparentemente privada, que mamava nas tetas do Tesouro Nacional. A instrução pública era insuficiente, a timidez e as hesitações do Imperador protelaram a abolição da escravatura (o Brasil foi dos

últimos países do mundo a libertar seus escravos), o sistema eleitoral era deficientíssimo. Acho que a monarquia no Brsail cumpriu o seu papel e definhou por falta de condições de sobrevivência, depois das grandes crises (religiosa, militar e civil). E devemos reconhecer que a monarquia brasileira poderia ter sido muito pior, como piores do que Pedro II foram monarcas contemporaneos. Mas não há lugar para tolos saudosismos de algumas pessoas que vivem com a boca cheia de democracia coroada.

"A política brasileira tem a perturbá-la intimamente, secretamente, desde os dias longinquos da Independência, o sentimento de que o povo é um vulção adormecido. Todo perigo está em despertá-lo. Nossa política nunca aprendeu a pensar normalmente no povo, a aceitar a expressão de vontade popular como base da vida representati-

Hermes Lima (O Brasil no Pensamento Brasileiro), citado por Raimundo Faoro em Os Donos do Poder.

"Não tem D. Pedro II nenhuma idéia verdadeiramente democrática, não tem idéias liberais nem conservadoras, é mui cioso do que chama seus direitos e defende com aferro suas prerrogativas. Cede algumas vezes a seus ministros em pequenas cousas, mas há assuntos em que não faz a menor concessão: a títulos e honras, nomeação de bispos e cônegos, promoção dos generais de terra e mar, provimento dos ofícios de justiça, preenchimentos dos cargos do corpo diplomático e consular, designação dos professores dos cursos superiores e de letras da cidade do Rio de Janeiro, nomeação dos sacristas da capela imperial, e a escolha dos cidadãos para as três pastas: império guerra e marinha, que ele superintende mui diretamente. Em todas essas questões o imperador faz absolutamente o que quer; pre-



D Pedro numa das inúmeras caricaturas que não disfarçaram seu prognatismo, suas pernas finas, sua mania de viajar

sidente de conselho algum é capaz ai de fazer vingar idéia sua. Em tais assuntos o imperador nem os ouve, nem ao menos para salvar as aparências do constitucionalismo."

Gazeta da Tarde, Rio, 16 de fevereiro de 1886 (do livro A Maior Mistificação da Imprensa Brasileira — de Raimundo Magalhães Jr.)

A sociedade de sinhás e iaiás, recheada de mitos tão fortes como o da Redentora, o do negro bonzinho submisso e bem tratado que não queria a libertação, o da pompa da monarquia — o Segundo Reinado visto apenas no esplendor das grandes festas — é revista pelo historiador Raimundo Faoro, autor de Os Donos do Poder e Machado de Assis ("a grande figura do Segundo Reinado, fazendo críticas tão dissimuladas como o olhar de Capitu)".

- Não tenho nenhuma saudade de D Pedro II. Ele precisa de uma revisão, não de um antiquário, e as heranças do Segundo Reinado merecem uma análise para deixar de serem vistas como jóias da coroa: são problemas nocivos, que continuam até hoje.

Como saldo doloroso desse reinado ficou, segundo Faoro a "chamada Abolição da Escravatura" — que deixou o escravo sem acesso a terra ou ao trabalho até hoje, totalmente deslocado, criando problemas sociais dos mais graves ("aliás deflagrados no discurso de Joaquim Nabuco em Recife e no de Rui Barbosa de 1919") o militarismo, criando o dissídio no Exército, a democracia sem povo, sem eleições.

"O parlamento será o polichinelo eleitoral, dançando segundo

a fantasia de ministérios nomeados pelo Imperador, reduzindo o povo a uma ficção, mínima e sem densidade, que vota em eleições fantasmas. Excluídos os escravos, os analfabetos, os menores de 25 anos, os filhos-famílias, os religiosos e os indivíduos desprovidos de renda anual de 100 \$ por bens de raiz, indústria, comércio ou emprego, poucos são chamados ao voto e poucos os elegíveis... Somente entre 1 e 3% do povo participam da formação dita da vontade nacional, indice não alterado substancialmente na República nos seus primeiros quarenta anos" (Raimundo Faoro em Os Donos do Poder).

- Mas com monarquistas não se consegue brigar — adverte Faoro. Eles não enxergam nada além do que querem e temos de aceitar a "herança de um lusismo", criado por meu amigo Gilberto Freire, a manifestação de superioridade do português, e sua não discriminação racial, o que é um erro. Escondeu-se do Segundo Reinado os quilombos: Eles existiram no século XIX, segundo Dunshee de Abranches, mas nem Joaquim Nabuco mencionou isso para não ferir a imagem do negro Pai João.

" — És livre, disse Luis Garcia; viverás comigo a té quando quiseres."

> Iaiá Garcia, de Machado de Assis.

Livre, o escravo perdia a pousada e a mesa, abandonado à miséria.... Livre, o escravo estará na rua, sem emprego ou receberá do senhor a esmola do salário, em troca de igual trabalho, com as antigas pancadas e injúrias. Desapareceu o cativo mas ficaram de pé as instituições que sujeitam, prendem e agrilhoam o trabalhador livre. O abolicionismo, ao tempo que entrega ao cativo o próprio destino, prende-o ao salário da fome, com as mesmas humilhações que a escravidão consagrava. E as frases? As belas frases de propaganda? Elas servem para eleger o deputado."

"Um novo conceito de disciplina surgiria, vinculado ao cidadão fardado. O Exército constituía um bloco que reagiria, se tocado, em revide unisisono. A forca armada se dispunha a intervir nas contendas nacionais, identificada como o supremo interesse do país, com expressão de seu alto papel de defesa da pátria e da auréola carismática conquistada nas batalhas. Contra essa emergente realidade, esclerosava-se o Poder Civil — o estamento político — despido da força material e incapaz de se alargar, enriquecendo-se da diferenciada expressão, ideologicamente colorida, da espada. Data de então o conceito que iria generalizar-se entre os militares sob regime republicano e num cert sentido aceito pelo país, de que pairavam acima das demais classes da Nação, com poderes e privilégios próprios, já que só eles é que tinham patriotismo."

Raimundo Faoro, em Machado de Assis: A piramide e o Trapézio.

Das heranças da escravidão e do militarismo, Raimundo Faoro passa à apreciação de D Pedro

- Quem o entendeu foi Machado de Assis: só há pouco tempo se percebeu que Machado fazia uma análise, enganando toda a oligarquia. D Pedro era homem de cultura a ponto de presidir o Instituto Histórico e Geográfico para passar a brasileiros a missão de escrever a História do Brasil, que estava sendo escrita por estrangeiros. Mas era de muito mau gosto. Tentou, por exemplo, corrigir o poema de Raimundo Correa, o das Pombas. Lia poemas no trono. Não era um escritor e não tinha sensibilidade literária. Parece que era rancoroso: pelo menos José de Alencar o achava, mas ele se reconciliou com todos os inimigos, como Lafayette Rodrigues e Ferreira Viana, que o chamou de César caricato. Teve casos amorosos dissimulados (pelos menos o pai era mais aberto). Não era violento mas era um aliciador de pessoas, no sentido de oligarquizar a sociedade. Era um distribuidor de títulos de barão. Há outra faceta do mito: visitou Camilo Castelo Branco, e Victor Hugo ficou muito impressionado de encontrar um rei culto. Realmente o aspecto de mestre-escola existia.

— Liberal por quê? Ele fazia e desfazia carreiras. Tinha poder pessoal. E' claro — e isso Machado de Assis ressalta — que aquele revesamento de Partidos evitou

revoluções, embora as eleições não representassem nada em termos de povo. E embora os dois Pedros, o primeiro e o segundo, fossem muito diferentes, na herança do Estado sem povo foram iguais. Eles é que criaram essa máquina, essa coisa falsa de democracia coroada. Entre os dois Pedros, o primeiro era mais afirmativo; a criação do Poder Moderador é do primeiro, esse Poder capaz de mutilar toda a vida política, instrumento que anula todos os mecanismos constitucionais de representação popular.

E que é feita de sua liberalidade com a imprensa?

— É fácil ser liberal numa oligarquia. Os movimentos brasileiros foram esmagados a ferro e fogo, e o próprio movimento abolicionista só emergiu quando ele permitiu, porque era tolerante dentro de uma oligarquia.

Sergio Buarque de Holanda acha D Pedro II uma figura séria, honesta, "com certas qualidades" para ficar 49 anos ocupando o trono do Brasil.

— Trato-o bem, mas não acredito no mito D Pedro II. Os historiadores realmente têm o fraco monárquico mas, no caso de Joaquim Nabuco, era importante exaltar D Pedro, pois seu livro foi escrito no clima das revoltas armadas. A Abolição foi apressada para ele aparecer — um ato um pouco precipitado. Parece que ele gostou quando soube que a Abolição havia sido feita por sua filha, que era carola em demasia e precisava de certa popularidade. Na imprensa, ele era realmente liberal e não acho que os movimentos hajam sido esmagados a ferro e fogo, simplesmente, porque apenas um grupo tinha voz ativa no Brasil: aquele um por cento da população que votava. Se D Pedro permitisse divergências poderia até haver ferro e fogo, mas as pessoas que decidiam formavam quase uma família. A massa não tinha direito.

- O Poder Moderador prossegue Sergio Buarque de Holanda, — foi criação do teórico frances Benjamin Constant, segundo o qual existiam cinco Poderes: o Executivo, o Judiciário, o Legislativo de opinião, o Legislativo de duração e o Neutro, este acima de todos e que, no Brasil, se chamou Moderador. Por um voto contra, D Pedro II pedia a dissolução do Ministério. Aliás, os Ministérios no Brasil variavam entre três dias e quatro anos. Quanto ao militarismo, se acentuou em função da fraqueza da monarquia; antes não. O Brasil nunca foi democracia, a grande massa popular nunca teve ingerência no Poder, muito menos no Segundo Reinado.

Esse é o verdadeiro mito da democracia coroada. Os Ministérios eram feitos de acordo com a vontade de D Pedro, ele, que procurava ser "um homem de seu tempo." Em vez de uma oligarquia, exisitiam duas — uma conservadora e outra liberal, se sucedendo no Poder, para dar idéia de funcionamento inglês. No começo, só o Imperador escolhia quem daria satisfações à Camara (nunca a ele próprio), e isso era defeito do regime, porque a Constituição era até relativamente lata.

"Corda que estala em harpa mal tangida

Assim te vais, ó doce companheira

Da fortuna do exílio, verdadeira Metade de minha alma en-

tristecida." (A Morte da Imperatriz, poema atribuído a D Pedro II, uma autoria que Raimundo

Magalhães Jr., contesta).

"Ao entusiasmo da leitura apaixonada do adolescente delirantemente monarquista que eu era então... e que, não vos esconderei, não deixei muito de ser até hoje..."

(Discurso de posse de Octavio de Faria na Academia Brasileira de Letras).



Pedro de Alcântara Gastão Gastão Par 1801 Humberto Lourenço Miguel Gabriel Gonzaga de Orleáns e Bragança, ou simplesmente Pedrinho



D Pedro e a grauna de estimação

Ao som do canto da grauna, que de vez em quando sobe na cabeça de D Pedro, e do grito da araponga, dos latidos de Hector (Fox Terrier dos bons, cujo tio recebeu um prêmio do falecido General Franco), capaz de descobrir a bola de borracha mais bem lancada nos jardins do Palácio do Grão-Pará, em frente ao Bosque do Imperador, em Petrópolis, entra-se no clima imperial. Há uma mala com a inscrição S. A. I. R., pistolas de prata, lavrada, bacias de louça portuguesa, relogios imperiais, retratos a óleo da Princesa Esperanza, de D João VI, de D Pedro I e D Pedro II, da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, de Dona Leopoldina, um verdadeiro palácio onde a Princesa Cristina, de saia pelos joelhos e sapatos de brim estampado, descasca pimentões.

E eis que de repente entra Pedro de Alcantara Gastão Humberto Lourenço Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança "ou simplesmente Pedrinho", bisneto de D Pedro II, irmão do Imperador que usaria a coroa se o Brasil hoje voltasse a monarquia.

D Pedro estava na piscina, apesar do frio (seu bisavô tomava duchas diárias), mas se alguém telefonar corre o risco de ouvir "Sua Alteza saiu a cavalo". Se puxar conversa sobre a barreira caída em Petrópolis, ouvirá que foram as terras de D Pedro Gastão que desabaram.

Ele vem de terno muito bem talhado. Sorri e oferece antes uma batida de "mel das minhas abelhas, limões do meu jardim e parati que meu irmão traz de Pa-

— Quando alguém é mordido por abelhas aqui em Petrópolis dizem logo: "São as abelhas do Principe". E eu pergunto: "Ela estava coroada?"

D Pedro Gastão, esposo de Dona Esperanza, que "está muito emocionada com a morte de Franco — Juan Carlos é meu sobrinho" fala da casa de 13 janelas em arco na fachada principal, de aldrava na porta — "chão comprado por Pedro I, casa

construída por Pedro II, e da qual a Princesa Isabel, minha avó, foi dona. Meu pai se instalou aqui quando foi revogado o banimento da Família Imperial, e aqui eu vivo com minha mulher, seis filhos e uma neta".

— D Pedro II era figura humana fantástica, ótimo irmão. Tinha carinho até com a pequena Duquesa de Goiás, filha da Marquesa de Santos. Ótimo filho, excelente marido e pai. Tenho muitos bilhetes e cartas trocadas entre ele a filha ("Papai, tem uma lua linda lá fora". "Minha filha, fui olhar, que beleza"), e veja que moravam na mesma casa. A filha conservou todas as roupas e fardas como reliquias. Tinha verdadeiro culto pelo

- Era obsessivo no que dizia respeito a coisas públicas. Ia pessoalmente verificar a caixa-dágua do Pedregulho (que fornecia água para o Rio), como um dono de casa cuidadoso. Entre os livros que doei ao Museu Imperial está uma carta: "Da Mordomia Imperial para as Camaras dos Vereadores de Juiz de Fora: S Majestade manda perguntar quem pagou as carruagens que levaram a Família Imperial desde a estação até a cidade. Se foi pago pela Camara, Sua Majestade faz questão de devolver o dinheiro".

- Que Presidente se preocupa em saber quem pagou seu avião? Também fez questão de ser enterrado com um punhado de terra brasileira na cabeça, num saguinho verde e amarelo. O Imperador saiu pobre do Brasil e morreu pobre no exílio. Deixou dívidas pela sua grande generosidade. Tivemos que vender os acervos dos palácios para pagá-las. Dava títulos de nobreza a quem alforreava escravos, mas não se preocupava com a distribuição de títulos. Faleceu em Paris com 64 anos. em hotel modesto, o Belford.

Com forte sotaque francês, D Pedro Gastão fala de todos os compromissos que terá de cumprir nesta sobrecarregada semana de comemoração do sesquicentenário do nascimento de seu bi-

